

## Introdução

César Correa Arias  
University of Guadalajara

Gonçalo Marcelo  
NOVA/LIF, Portugal

Fernando Nascimento  
Catholic University of Campinas - Brazil

Études Ricœuriennes / Ricœur Studies, Vol 2, No 2 (2011), pp.1-7

ISSN 2155-1162 (online) DOI 10.5195/errs.2011.109

<http://ricoeur.pitt.edu>



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-Noncommercial-No Derivative Works 3.0 United States License.



This journal is published by the [University Library System](#) of the [University of Pittsburgh](#) as part of its [D-Scribe Digital Publishing Program](#), and is cosponsored by the [University of Pittsburgh Press](#).

## Introdução

É com prazer que vos apresentamos o terceiro número da revista *Études Ricoeuriennes / Ricoeur Studies (ERRS)* consagrada ao pensamento ético de Paul Ricœur. Esta revista tem como objectivo a divulgação dos estudos ricoeurianos que se desenvolvem, neste momento, no mundo inteiro. Sendo que as línguas principais da revista são o inglês e o francês, a vocação de abertura da mesma passa também por uma noção de *hospitalidade linguística* permitindo que sejam editados por vezes números em línguas diferentes.

Assim sendo, este número especial em português e espanhol marca o início oficial desta abertura linguística e vem recompensar a recente multiplicação de actividades sobre a obra de Paul Ricœur (com a realização de colóquios co-organizados por nós em Lisboa, Guadalajara e Rio de Janeiro) no espaço Ibero-Americano. Estes esforços recentes juntam-se a uma longa tradição de estudos ricoeurianos nesta região. Na realidade, os trabalhos de Paul Ricœur são bem conhecidos em países como a Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, Espanha, Portugal e México (para citar apenas alguns) e os laços que ligam Paul Ricœur a estes países são antigos e fortes. Assim sendo, esta edição, e os colóquios que a precederam, antecipam também a constituição da *Associação Ibero-Americana de Estudos sobre Paul Ricœur (ASIER)*, cujo objectivo principal será o de assegurar de forma contínua a expansão dos estudos ricoeurianos em português e espanhol. No âmbito da *ASIER* está igualmente já prevista a realização da próxima *Conferência da Associação Ibero-Americana de Estudos sobre Paul Ricœur (CAIER)*, para a Primavera de 2013, no Chile.

Podemos começar esta introdução apontando que várias questões éticas acompanharam Ricœur ao longo de toda a sua obra. Sempre reconheceu uma forte componente de opacidade na existência humana; reflectiu profundamente a questão do mal, do conflito e do sofrimento, naquilo a que chamava o “trágico da acção”, o qual marca de forma indelével a interacção dos seres humanos que agem e sofrem. Com o ponto de viragem decisivo da sua obra, precisamente a publicação de *Soi-même comme un autre* em 1990 e respectiva ênfase na “pequena ética” que Ricœur coloca no coração da obra, parece-nos adequado afirmar que a questão da ética (e, de forma mais lata, da acção humana) se torna decisiva. Nos quinze anos que se seguiriam, e nos quais assistimos à publicação de livros como *Amour et justice*, *Le Juste* (nas suas duas versões), *La Mémoire, l’histoire, l’oubli* e *Parcours de la Reconnaissance* nunca mais a reflexão sobre o desejo da vida boa, bem como da moral e das suas normas, abandonaria Ricœur.

O tema que escolhemos para este volume, “Da ética fundamental às éticas aplicadas” segue, de forma geral, o movimento proposto por Ricœur no seu artigo “De la morale à l’éthique et aux éthiques”, publicado pela primeira vez em 2000 e retomado na colecção de artigos intitulada *Le Juste 2*. Neste texto, Ricœur propõe-se reformular sensivelmente a sua “pequena ética” de 1990 e apresenta a distinção entre uma ética “anterior” ou “fundamental”, enraizada no desejo da vida boa (aquilo que correspondia ao sétimo estudo de *Soi-même comme un autre*) e as éticas “regionais” ou “aplicadas”, que se desenvolvem em diferentes domínios sob a égide da *sabedoria prática*. Entre um momento e o outro aparece, como sempre na arquitectura ética ricoeuriana dos últimos anos, o momento propriamente normativo da moral.

Dada a escolha dos artigos que constituem este volume, decidimos seguir um movimento de “regionalização” ou “aplicação” crescente das reflexões éticas que aqui apresentamos.

Devemos, no entanto, advertir o leitor que este é um movimento geral e que não tenta apresentar de forma forçada uma coerência total, a qual nunca poderia ser artificialmente atribuída a uma obra colectiva constituída por textos independentes.

Os primeiros dois artigos permitem-nos compreender de forma original e significativa a articulação feita na “pequena ética”. O artigo de Marie-France Begué, intitulado “De la pulsion à la solitud por el otro. Bases antropológicas para la “pequena ética” de Ricœur” encontra-se na abertura deste volume precisamente por se apresentar no nível puro de uma ética fundamental. De facto, se é verdade que, como Ricœur sustenta, a ética fundamental se enraíza no *desejo* da vida boa, Begué mostra-nos como as bases antropológicas para a compreensão do desejo se encontram em Ricœur desde *De l'interprétation* (1965), no qual, no quadro de uma leitura filosófica de Freud, se apresenta uma descrição do desejo como misto de força (*pulsão*) e sentido (dimensão hermenêutica).

Num segundo momento, o desejo, ponto nodal entre *bios* e *logos*, é analisado por Begué na sua dimensão intencional que permite o desenvolvimento de um projecto de plenitude. E este projecto de plenitude passa precisamente, em Ricœur, pelo desdobramento da ética nas figuras da estima de si, da solitudine, e da busca das instituições justas. Begué conclui o texto argumentando que existe uma dialéctica entre a estima de si e as diferentes figuras que a alteridade pode assumir. Assim sendo, a estima de si não é uma noção estática que emana automaticamente do *bios*: ela está dependente, precisamente, do estabelecimento de relações saudáveis com a alteridade. *A contrario*, o estabelecimento de relações patológicas com a alteridade terão igualmente como consequência o impedimento do verdadeiro florescimento pessoal. Marie-France Begué, partindo da hermenêutica do desejo de Ricœur, enfatiza igualmente a ligação entre as noções de estima de si e solitudine e a noção de *reconhecimento*. Este processo de avaliação (e de atribuição de estima) de *si* e do *outro* reflecte-se igualmente na construção de *instituições justas*. Assim sendo, é esta a dialéctica que nos aponta em direcção à “vida boa, com os outros e por eles, em instituições justas”. Por mostrar o enraizamento da pequena ética na noção de desejo, trabalhada desde os anos 60 por Ricœur, e por explorar as diferentes ligações e articulações da estima de si, o artigo de Begué tem o mérito de mostrar o fundo antropológico sobre o qual se articularão todas as reflexões subsequentes.

O texto de Beatriz Contreras Tasso, “Tacto, promesa y convicción. Conjunción ética de tradición y innovación en Paul Ricœur” procede a um exame atento das três grandes noções conciliadas por Ricœur na pequena ética, a *phronesis* aristotélica, a deontologia de matriz kantiana e a *Sittlichkeit* hegeliana, mostrando como, em cada momento, existe uma dialéctica de tradição e inovação no seio da própria pequena ética – que não se restringe à forma como Ricœur renova a tradição filosófica, mas que tem igualmente uma ancoragem propriamente substancial. Ricœur recupera a tradição de um povo, os costumes, precisamente através da análise das *Sittlichkeiten* mas acrescenta-lhes a necessidade de criatividade própria da acção daquele que pratica a *phronesis*.

Esta análise perspicaz de Beatriz Contreras Tasso apresenta como um dos seus pontos mais interessantes a insistência na noção de *tacto* a qual figura, nesta reflexão, ao lado das noções de promessa e de convicção (enfatizadas de forma mais frequente pelos estudiosos de Ricœur) como pontos nodais das problemáticas apresentadas na pequena ética. O *tacto* é aqui descrito como sendo, precisamente, uma metáfora do sentido utilizado pelo *phronimos*, isto é, pela pessoa prudente para a qual Ricœur nos aponta. Esta introdução não é certamente o lugar para operar uma análise semântica da noção de *tacto*, mas importa enfatizar a pista para a qual a autora nos

remete: o tacto implica um *sentir* com os outros. Simultaneamente, acrescentamos nós, o tacto, o toque, parece ser igualmente uma boa metáfora para descrever a orientação quase “às cegas” que consiste precisamente a escolha entre o mal e o pior, nas situações de conflito de dever. Em última instância, “ter tacto” em determinada situação, como se diz em português, remete precisamente para a noção de conveniência, quase de empatia, com a qual se lida de forma adequada com determinada situação. Beatriz Tasso termina o seu texto enfatizando a coerência dada pela noção de promessa (fidelidade à palavra dada) e de convicção, enquanto estruturantes da sabedoria prática e mostrando como a parte mais fecunda desta ética reside precisamente nas suas aplicações diversas, o que nos remete já para os textos que encerrarão este volume.

O segundo grupo de textos coloca em evidência uma problemática que era subjacente ao primeiro grupo, embora só agora apareça devidamente tematizada: a questão da identidade pessoal, da interacção entre os pólos da identidade (seja ela entendida como mesmidade ou ipseidade) e da alteridade. Afinal de contas, é essa a temática assumida de *Soi-même comme un autre*.

O texto de Cláudio Nascimento, “Identidade pessoal e ética em Paul Ricœur: da identidade narrativa à promessa e à responsabilidade” toma como ponto de partida a noção de identidade narrativa tal como é desenvolvida em *Temps et Récit* e analisa as mutações que a noção de identidade assume em Ricœur na transição para *Soi-même comme un autre*, à medida que a identidade é analisada a partir da semântica da acção e da ética, naquilo a que poderíamos chamar um projecto de recuperação e de refundação do *si* noutros termos. Tal como Beatriz Contreras Tasso, Nascimento coloca a ênfase na questão da promessa; na realidade, é a fidelidade à palavra dada, a manutenção da promessa que, juntamente com a imputação, conferem, digamo-lo nestes termos, uma solidez ética ao si-mesmo. Outra forma de descrever a perseverança.

Em conclusão ao artigo, Cláudio Nascimento sugere uma ligação muito interessante entre a noção de promessa e o reconhecimento simbólico através da troca de dádivas, tal como é definida por Ricœur em *Parcours de la Reconnaissance*. Sugere Nascimento que tal como os estados de paz que caracterizam o reconhecimento mútuo ricoeuriano, também a promessa é capaz de formar “ilhas de segurança” na exacta medida em que manter uma promessa é manter a confiança na instituição da linguagem e é assegurar que o outro pode contar com quem prometeu (e com aquilo que foi prometido). Nesse sentido, manter uma promessa é também reconhecer o direito que o outro tem a ser tratado eticamente (dado que trair a promessa seria precisamente sinal de desrespeito e falta de reconhecimento). Poderíamos acrescentar que, nesse sentido, tal como nas relações de reconhecimento, aquele a quem é prometido *desafia* quem prometeu (no sentido de *chama-o a*, mas não o obriga) a manter a sua palavra e, assim, manter vivos os laços de intersubjectividade significativa que unem o si e o outro.

O artigo seguinte, da autoria de Maria Lucília Marcos e intitulado “Identidade narrativa e ética do reconhecimento” também toma como ponto de partida a noção de identidade narrativa, mas estendendo-a precisamente para as transformações definitivas da teoria ricoeuriana da identidade, aquelas que tiveram lugar em *Parcours de la Reconnaissance*. Marcos reconstitui o percurso de Ricœur nesta última obra, depois de ter reconstituído igualmente as etapas principais da noção de identidade em *Temps et Récit* e *Soi-même comme un autre*, bem como analisado e refutado algumas das objecções à teoria ricoeuriana da identidade, nomeadamente as formuladas por Robert Misrahi e Galen Strawson. Em última instância, Marcos analisa a proximidade entre Ricœur e Axel Honneth não só na questão do reconhecimento mas também na questão da narrativa – aspecto relativamente marginalizado pela maior parte dos estudiosos do

reconhecimento mas que, de facto, assume relevância. A autora acaba por enfatizar as potencialidades contemporâneas de recuperação de uma teoria da identidade através do paradigma da rede, modelo não só intersubjectivo, como passível de ser complementado e fomentado pela tecnologia: à “gaiola de aço” weberiana substituir-se-ia uma “gaiola electrónica” potenciadora da interacção humana. O texto termina com o enfoque numa teoria *tensional* (e, portanto, dialéctica) da identidade que, em última instância, coloca a ênfase numa das questões fulcrais para Ricœur: o conflito.

O conjunto seguinte de textos marca o ponto de transição entre a ética fundamental e as éticas aplicadas. Como é sabido, Ricœur identifica dois tipos de ética “regional” que se qualificam como “éticas aplicadas” por excelência: a bioética e a ética jurídica. Estes são dois dos pilares do “justo”. O texto de Maria Luísa Portocarrero, cujo título é “Afirmção originária e sabedoria prática na reflexão ética de P. Ricœur” contém, *in nuce*, todo o movimento deste volume, no sentido em que, por um lado, se enraíza, tal como o artigo de Begué, numa ética fundamental mas que, simultaneamente, começa a operar a transição para um tipo específico de ética regional: a bioética. Assim sendo, funciona como um texto-charneira, que conclui de forma provisória um momento e anuncia o seguinte. O momento de ética fundamental situa-se na noção de afirmação originária (anterior a toda a negatividade) que Ricœur retoma de Jean Nabert; desta noção, primeira etapa da antropologia ricoeuriana (a etapa dos anos 60), pode-se dizer que, como Jean-Luc Amalric mostrou no volume anterior desta revista, constitui a base a partir da qual se desenvolverão as noções quer de atestação, quer de reconhecimento, em Ricœur. O artigo de Portocarrero tem o mérito de anunciar com toda a clareza a forma como a ética fundamental é específica do projecto de Ricœur: antes da obrigação está a ética do desejo de ser e do esforço para existir, isto é, em termos espinosistas, está o *conatus*, o que nos anuncia a índole vitalista da filosofia ricoeuriana. Analisando em seguida a passagem que Ricœur opera pela mediação do formalismo deontológico, Portocarrero termina o texto com uma incursão pela aplicação da sabedoria prática à bioética, precisamente através de umas das questões mais delicadas (mas importantes) da contemporaneidade nesse domínio: a da eutanásia. Se a sabedoria prática se define precisamente por uma criatividade da aplicação da regra ao caso específico, ela redundante, mostra-nos concretamente Maria Luísa Portocarrero, numa devolução da capacidade de escolha baseada numa ponderação concreta. Eis, precisamente, uma das vitais contribuições que a filosofia prática de Ricœur nos lega.

O texto de Sérgio Salles, intitulado “Paul Ricœur e o humanismo jurídico moderno: o reconhecimento do sujeito de direito” pressupõe precisamente o reforço do momento deontológico que nos serve de transição para as éticas aplicadas. Por outro lado, constitui a condição de possibilidade das questões que se disputarão na ética jurídica, na medida em que funda a própria noção de sujeito de direito, noção fundamental que se expressa no respeito de si, analisado por Ricœur no oitavo estudo de *Soi-même comme un autre*. Sérgio Salles traça a ligação entre a noção ricoeuriana de identidade baseada nas capacidades – nomeadamente, no caso em questão, a capacidade de ser moralmente imputável – e o aparecimento recente de um novo tipo de humanismo, o humanismo jurídico fundado na noção de Direitos Humanos e que é analisado de forma significativa por Alain Renaut e Lukas Sosoe. Centrando-se na análise do texto “Quem é o sujeito de direito?” que é reproduzido na colecção de artigos que constituem *Le juste*, Salles propõe, por conseguinte, uma extensão vigorosa da teoria ricoeuriana das capacidades na medida em que ela seria capaz de fundar, por si só, a ligação dos Direitos Humanos com a identidade pessoal. Na medida em que ultrapassa a fase da suspeita e o perigo da elisão do

sujeito que marcou grande parte da filosofia do século XX, a filosofia ricoeuriana da identidade permite assim justificar a pertinência das teorias jusnaturalistas.

Ultrapassando a questão do bom – na qual nos temos maioritariamente concentrado até agora – o texto de Salles traz a este volume a ênfase na questão do justo, o que nos remete para a busca de instituições e de sociedades mais justas, que será precisamente o tema dos últimos textos.

O último conjunto de artigos não se reclama explicitamente de nenhuma ética “aplicada” mas, no entanto, aplica análises concretas e teoricamente fundadas a situações ou instituições concretas. Por isso mesmo, merecem ser designados como “aplicações” da teoria ética de Ricœur e, por conseguinte, dão mais um passo na concretização do movimento que preside a este volume.

O texto de Luis Vergara Anderson, “La *Ucronia* reconsiderada: Ricœur et la reivindicación del concepto del último día”, também assenta, em abono da verdade, num *desejo* específico: o de sociedades justas. Assim, poder-se-á dizer que mantém uma ligação forte à ética fundamental. Mas, por outro lado, insere a sua reflexão concreta no contexto da América Latina – o que poderia talvez ser considerado como um esforço de fundação de uma ética ligada a uma região concreta e à sua história, mas com tendência para ser relevante para lá desses limites – e tenta esboçar o seu esforço teórico-prático através de uma recuperação e redefinição do conceito de *utopia* que possa redundar num reforço da *praxis* transformadora da América Latina onde, infelizmente, se conseguem encontrar altos níveis de injustiça. Vergara Anderson começa por notar as diferentes avaliações atribuídas por Ricœur à noção de utopia, consoante se expressa em 1975 (data das famosas *Lectures on Ideology and Utopia*, proferidas na Universidade de Chicago) ou em 1985 (aquando da publicação do terceiro volume de *Temps et Récit*). De forma resumida, podemos dizer que o projecto deste autor passa por recuperar o potencial positivo e crítico atribuído por Ricœur à noção de utopia nas *Lectures on Ideology and Utopia*.

No entanto, fá-lo recorrendo a uma abordagem sistémica do fenómeno social (recorrendo às análises de Carlos Matus, Francisco Varela e Humberto Maturana). Partindo de uma noção da sociedade como um sistema auto-poietico sustentado por um equilíbrio de contrários, o autor acaba por propor uma redefinição original da tipologia e evolução dos diferentes tipos de utopias e da forma como elas podem originar modificações estruturais nos sistemas sociais. Diferentemente de Ricœur, que classifica as utopias “puras” como patológicas (no sentido em que são pura fuga do real) Luis Vergara Anderson classifica estas “ucronias” como a primeira base a partir da qual se desenvolvem as utopias concretas. Estas, por sua vez, podem causar uma ruptura no equilíbrio funcional imediato de uma determinada sociedade que, em última instância, poderá igualmente causar uma mudança no equilíbrio estrutural. Isto é: o processo da utopia (mesmo a utopia pura, no seu início) pode ter efeitos concretos e definitivos, de forma mediata. Há que acrescentar, diremos nós, que estas utopias são, obviamente, políticas. Mas na medida em que contêm um conteúdo valorativo – uma norma inspiradora – são, igualmente, utopias éticas.

O artigo seguinte, da autoria de Peter Kemp e intitulado “La universidad desde una perspectiva cosmopolita” termina o nosso processo de aplicação da ética ricoeuriana ao considerar uma instituição concreta: a universidade. É verdade que Ricœur passou mais tempo a tentar definir aquilo que faz uma instituição justa do que propriamente a criticar instituições injustas. Mas uma das excepções é precisamente o caso da universidade, um dos envoltivos



perenes da actividade de Paul Ricoeur, o professor e o homem. E Peter Kemp inspira-se precisamente das reflexões ricoeurianas para operar uma crítica ao estado actual da Universidade em geral, no contexto de uma desumanização gradual, de um capitalismo crescente, de uma ideologia da competência / competição e do lucro, cujos resultados são desencorajadores e colocam em risco a própria sobrevivência das humanidades no contexto universitário mundial.

Partindo da distinção ricoeuriana entre aquilo que são instâncias de dominação (no sentido de *Herrschaft*, de Max Weber) e aquilo que possam ser instituições justas, Kemp foca-se nos textos que Ricoeur escreveu a propósito das revoltas estudantis dos finais dos anos 60, enfatizando a concepção de universidade que aí é defendida: uma universidade mais democrática, onde a construção do saber é operada em comum entre estudantes e professores. A parte final do texto de Peter Kemp opera, por conseguinte, com a ajuda das análises de Lyotard e Martha Nussbaum, um diagnóstico severo do estado actual da Universidade. Parecemos estar confrontados com a falência do modelo humboldtiano e com a atomização de indivíduos-investigadores movidos pela competição dentro de um mercado de bens e de capitais de conhecimento, como afirmam Slaughter e Leslie no livro *Academic Capitalism: Politics, Policies and the Entrepreneurial University* e, mais tarde, Slaughter e Rhoades na publicação *Academic Capitalism and the New Economy*. Este movimento, aliás, é comum a todos os sectores das nossas sociedades ultra-liberais mas, em última instância, o facto de ter chegado às universidades significa que os últimos redutos de resistência estão a desaparecer. Situação à qual devemos responder, parece-nos, com uma renovação e revitalização da crítica – tarefa para a qual as reflexões ricoeurianas são de extrema importância.

Finalmente, é colocado em último lugar da parte temática deste volume um texto de Paul Ricoeur, inédito em português, intitulado “O problema do fundamento da moral”. Este texto, publicado originalmente em 1975 (portanto, contemporâneo das *Lectures on Ideology and Utopia* e também das reflexões ricoeurianas sobre a imaginação, bem como da *Métaphore vive*) tem o mérito de apresentar uma articulação de diversas noções éticas (lei, valor, norma, imperativo, etc.) operada por Ricoeur quinze anos antes da pequena ética e apresentando uma forma bem diferente. Somos da opinião que a obra ricoeuriana apresenta uma multiplicidade de abordagens nem sempre totalmente congruentes entre si. Isso é parte da riqueza da obra. Assim sendo, embora reconheçamos à pequena ética e às suas reformulações posteriores um valor inegável, convém no entanto divulgar as possibilidades éticas diferentes que a obra contém.

Nesse sentido, parece-nos pertinente incluir aqui a tradução portuguesa inédita deste artigo – assim inaugurando mais uma das funções de divulgação desta revista – no qual Ricoeur, ainda inspirado pela temática do *conflito* tão presente na sua produção dos anos 60, acaba por concluir que não é necessário *unificar* a empresa da ética, mas antes deixá-la numa situação dialéctica aberta. De forma significativa, Ricoeur enfatiza também neste artigo o papel da imaginação na ética, o papel preciso da abertura ao *possível*, o que nos remete uma vez mais para a questão da utopia. Eis mais uma das pistas frutíferas que podemos encontrar na ética ricoeuriana.

Por último, gostaríamos de agradecer aos editores principais da *ERRS*, Johann Michel e Scott Davidson, o amável convite que nos foi endereçado para que co-editássemos este número especial e a possibilidade concedida de divulgar alguns dos estudos ricoeurianos que são desenvolvidos em português e espanhol. Deve também ser mencionado de forma especial George Taylor, sempre incansável na promoção dos estudos ricoeurianos, a quem estamos profundamente gratos. Devemos a estas três pessoas muitas horas de diálogo na preparação

deste volume. Agradecemos igualmente aos revisores pelo seu precioso trabalho de revisão, graças ao qual este número pôde sair bastante enriquecido.

*César Correa Arias*

*Gonçalo Marcelo*

*Fernando Nascimento*